

## A RELEVÂNCIA DO DIÁRIO NA PRÁTICA ARTÍSTICA E DOCENTE<sup>1</sup>

Tharciana Goulart da Silva / Universidade do Estado de Santa Catarina

Jociele Lampert / Universidade do Estado de Santa Catarina

### RESUMO

O texto explicita a relevância do diário como instrumento de práticas artísticas e docentes. Diferentes artistas desenvolveram este fazer, como Frida Kahlo, Paul Klee e Louise Bourgeois. Nessas “escritas” percebemos o olhar voltado para a Arte, a história de vida e o ensino. Sendo assim, este texto permeia o campo das Artes Visuais e sua docência, compreendendo que o diário pode ser um instrumento pertinente para pesquisas que acontecem nesses âmbitos, discutindo a perspectiva contemporânea do artista/professor.

### PALAVRAS-CHAVE

ensino de artes visuais; diário; artista/professor.

### ABSTRACT

The text explains the relevance of the journal as an instrument of artistic and teaching practices. Different artists have developed this doing, as Frida Kahlo, Paul Klee, and Louise Bourgeois. In these “writings” we notice the eyes on the Arts, the story of life, and the teaching. Thus, this text permeates the field of Visual Arts and its teaching, understanding that the journal can be a useful tool for research that take place in these areas, discussing the contemporary perspective of the artist/teacher.

### KEYWORDS

teaching of visual arts; journal; artist/teacher.

## **Possibilidade de poetizar**

O diário, como instrumento de trabalho e pesquisa, permite um desdobramento entre a Arte e o ensino. Em sua abrangência, pode ser utilizado por artistas e professores (de diferentes áreas), assim como por artistas/professores vinculados ao território das Artes Visuais. Diante desses fazeres e nomenclaturas, o diário desdobra-se, ilustrando e possibilitando um eixo real para o pensamento visual.

Para um artista, o diário, também chamado de 'diário de bordo', 'caderno de registros', pode ser um lugar de pesquisa, ideias e estudos (teóricos e práticos). Com este instrumento pode-se desenhar, pintar, colar, escrever/descrever, poetizar/registrar vivências, idealizar projetos. O diário pode ser um 'companheiro' do artista, no qual as obras e fazeres surgem e podem ser desdobrados em configurações para outros projetos.

Segundo Zabalza (2004), o diário de professor é

um procedimento excelente para nos conscientizarmos de nossos padrões de trabalho. É uma forma de 'distanciamento' reflexivo que nos permite ver em perspectiva nosso modo particular de atuar. É, além disso, uma forma de aprender. (ZABALZA, 2004, p.10)

O diário pode ser utilizado de diferentes maneiras, não necessitando do ato da escrita diária, mas sim do ato de registro. Este pode ser um diário de aula, no qual o professor avalia seus projetos, atuações e práticas artísticas, assim como, quando necessário, avalia o aluno. Sendo um suporte, o diário é onde o campo das visualidades e percepções é retratado, trabalhado e desenvolvido.

A perspectiva contemporânea do artista/professor permite na prática do diário uma junção dos fazeres do professor e do artista. Esta conexão torna-se de grande valia, já que pode-se quebrar o estigma de que o professor de Arte não entende de pedagogia, ou que, quem exerce a docência é menos artista do que aqueles que não a exercem. Pois, conforme Almeida (2009, p. 150), "A ideia de oposição, corrente no senso comum, advém do falso entendimento de que o trabalho de produção de arte é criativo e que o trabalho docente não é". Sendo assim, entende-se que os processos inventivos e poéticos são capazes de permear e reunir a docência e o ser artista.

Basbaum (2005) reflete sobre o 'artista-etc', que é o artista-curador, artista-agenciador, artista-teórico, artista-professor, entre outros. Para Basbaum, artista-artista é aquele que exerce a função em tempo integral. Envolvendo-se em outras áreas, este torna-se um artista-etc. Conforme o autor:

'Artista' é um termo cujo sentido se sobre-compõe em múltiplas camadas (o mesmo se passa com 'arte' e demais palavras relacionadas, tais como 'pintura', 'desenho', 'objeto'), isto é, ainda que seja escrito sempre da mesma maneira, possui diversos significados ao mesmo tempo. Sua multiplicidade, entretanto, é invariavelmente reduzida apenas a um sentido dominante e único (com a óbvia colaboração de uma maioria de leitores conformados e conformistas). (BASBAUM, 2005, p. 1)

Considerando a perspectiva do artista/professor como um artista-etc, compreendemos que um artista transita em diferentes áreas, e que o artista-etc é também um artista, mas que deixa-se mesclar por outras funções. Seus processos em Arte não se perdem, mas são agregados a novos âmbitos.

“O termo [artista/professor] foi usado inicialmente por George Wallies, em meados do século dezenove, e vem sendo construído desde então, para firmar um retrato pedagógico da identidade associada a práxis do fazer/saber Arte” (LAMPERT, 2015, no prelo). Desse modo, entende-se que o processo de desenvolvimento para a afirmação da identidade do artista/professor continua na contemporaneidade, por meio das universidades, teorias e práticas contidas na construção do conceito de fazer-se artista/professor.

Os diários do artista/professor e do artista são compreendidos no estudo aqui apresentado como objetos de pesquisa que possibilitam uma interação com a Crítica Genética. Pois, os diários como documentos fomentam a pesquisa no sentido de serem registros que acompanham o desenvolvimento das obras, estudos literários, teóricos e planejamentos de ensino. Sendo assim, a metodologia deste artigo perpassa por entre a relevância do processo criativo (artístico e docente) presente na Crítica Genética, pois, “o ato criador sempre exerceu e exercerá um certo fascínio sobre os receptores das obras de arte e sobre seus criadores” (SALLES, 2008, p. 22). Assim sendo, por meio do diário podemos observar o percurso da criação, os dados que antecedem a execução das obras.

## **A relevância do diário como instrumento para o artista/professor**

Esse lugar de registros permite ao artista/professor avaliar seus saberes profissionais, pedagógicos e artísticos. O diário é de relevância na formação docente, pois nele encontram-se os questionamentos em relação à prática e o ensino, memórias, lembranças, autobiografias, arquivos, criando assim, por meio dos relatos, uma relação autor/personagem. Quem escreve (o autor), torna-se personagem da história, considerando que o diário é um local íntimo onde é possível falar sobre si.

Essa articulação do autor/personagem com sua narrativa pode levar à reflexão, à autocrítica. Quando escrevemos sobre nossa atuação nos questionamos, revemos alguns acontecimentos. Além disso, o diário pode ser um ato de refúgio, um momento no qual torna-se possível uma aproximação de nossas ações e ideias.

O diário do artista/professor nos lembra que “[...] ao ensinar, o artista leva à sala de aula questões com que se defronta em seu trabalho de produtor de arte, assim como absorve e incorpora à sua produção questões levadas ou desenvolvidas pelos alunos” (ALMEIDA, 2009, p. 179). Sendo assim, as coisas não se separam, andam juntas, conversam, completam-se.

O diário não é apenas um suporte, ele desenvolve, enriquece e fundamenta as práticas artísticas e pedagógicas. É uma forma de organização de pensamentos que procura dar corpo a reflexões, pois faz parte de um espaço/tempo de criação do artista/professor, em que há possibilidade de desdobramentos do fazer cotidiano.

O diário, como possibilidade de narração, tem potência em relação à pesquisa no âmbito da Arte e da Educação, já que perpassa uma autoavaliação e reflexão crítica sobre as experiências, fazendo-nos compreender melhor o que vivemos e o que desejamos. Uma vez que:

a narrativa, traz a possibilidade de entrarmos em uma dimensão individual e significativa ao qual este relato se refere, pois conta de nós e de nossa experiência, nos faz margear, deslizar por campos de inquietações, afecções e percepção de nós mesmos. (TASQUETTO, 2013, pp.997-1008)

Desse modo, narrar/fabular também é uma possibilidade de ativar e reviver as memórias pessoais, que permitem novos olhares, modos de perceber nossas experiências. Segundo Dewey (2010), o conhecimento ocorre por meio da experiência, sendo que este tem relação direta com as vivências. Assim, “A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver” (DEWEY, 2010, p.109). O diário, dessa maneira, faz-nos pensar sobre a experiência singular, significada por Dewey como algo diferente das experiências comuns, que nos passam despercebidas, que não nos tocam. Sendo assim:

temos uma experiência *singular* quando o material vivenciado faz o percurso até sua consumação. Então, só então, ela é integrada e demarcada no fluxo geral da experiência proveniente de outras experiências. Conclui-se uma obra de modo satisfatório; um problema recebe uma solução; um jogo é praticado até o fim; uma situação, seja a de fazer uma refeição, jogar uma partida de xadrez, concluir uma conversa, escrever um livro ou participar de uma campanha política, conclui-se de tal modo que seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação. (DEWEY, 2010, p. 109)

Por isso, o diário nos traz a possibilidade de acumular saberes potenciais relacionados ao artístico, estético e pedagógico, pois podemos perceber de novas maneiras os atos/ações/reflexões experienciadas. Sendo assim, o diário como processo é constituinte de nossas experiências, desenvolve a construção de subjetividades. Como objeto de estudo, este permeia o processo formativo do artista/professor.

### **Diário na prática artística ou desenvolvimento de estudos e proposições**

O diário de um artista é feito pela necessidade de registro, do desenvolvimento de ideias e pensamentos. Pode ser um texto poético e visual, que perpassa por entre as artes visuais, música, literatura, e principalmente reflete sobre experiências de vida, do cotidiano, evidenciando portanto uma ponte para a memória e o arquivo.

Diferentes artistas construíram diários, entre estes Frida Kahlo, Louise Bourgeois e Paul Klee; este último permeando perspectiva de artista/professor em suas observações sobre Arte.

O diário de Frida Kahlo é visceral, parece mostrar o interior da artista, as dores, sofrimentos, desejos, amores. Vemos estudos de obras, cartas e muitas cores. Frida Kahlo expõe seu processo criativo, as ideias (viscerais) que poderiam, ou não, desdobram-se em obras e processos artísticos de trabalhos concretos. Podemos pensar que a artista cria uma narrativa visual e textual autobiográfica, pois seu diário conta sua história, o que hoje pode ser usado como objeto de pesquisa, um lugar de registros capaz de guardar memórias.

Louise Bourgeois escreveu não somente em diários com forma de livros e/ou cadernos, mas também em papéis soltos. Diferente de Frida Kahlo, o diário não é uma explosão visual, e sim de palavras, descrições e pensamentos, que nos levam a construções de imagens mentais. Sobre o diário da artista, Bernadac nos diz:

Louise Bourgeois começou a escrever seu diário com doze anos, e desde então nunca parou. Suas prateleiras estão repletas de dezenas e dezenas de diários íntimos, em blocos de anotações e exercícios, em folhas soltas de papel e em agenda. Os diários mapeiam seus dias, encontros e compromissos, e transcrevem as emoções e o desfile de seus pensamentos. Às vezes também servem de laboratório de escrita, de ponto de partida para o trabalho com a palavra escrita. (BERMADAC, 2000, p.18)

Bourgeois comentava os momentos em que viveu, suas ideias sobre Arte e sobre ser artista, como desenvolvia seus trabalhos, como lidava com a pintura e a escultura, entre o bidimensional e o tridimensional e seus processos de criação. A artista reconheceu a relevância do diário quando disse que: “Você pode agüentar qualquer coisa, desde que ponha no papel. Tem de fazer para poder se segurar” (BOURGEOIS, 2000, p. 49).

Paul Klee dedicou-se à música e à pintura. Durante um tempo, foi professor da Bauhaus, onde desenvolveu noções de ritmo e cor. Em seu diário, Paul Klee escreveu sobre o cotidiano, seus estudos em música e pintura, suas impressões, como podemos ver a seguir, onde o artista faz uma observação sobre a cor:

O que me cativa nas cores não é a iluminação, mas a luz. Luz e sombra constituem um universo gráfico. A claridade difusa de uma leve neblina é mais rica em fenômenos do que um dia en-

solarado. Fina camada de neblina antes de ser atravessada pelo astro. Difícil reprodução na pintura, devido à fugacidade do instante. É preciso que ele penetre na alma. (KLEE, 1990, p. 414)

Referindo-se à questão de estilo artístico, Klee coloca que,

encontramos nosso estilo quando não podemos fazer de outra maneira, isto é, quando não podemos fazer outra coisa. O caminho para o estilo: *GNOTHI SEAUTON* (Conhece-te a ti mesmo). (KLEE, 1990, p. 206)

O artista dedicou-se aos estudos da teoria das cores, aos jogos de equilíbrio, procurando um diálogo entre a música e a pintura. Percebemos ao longo do seu diário que ele escreve de maneira didática, buscando desvendar a pintura e o desenho, fazendo observações técnicas que desenvolve.

Gênese de um trabalho:

1. Desenhar rigorosamente a partir da natureza, se possível usando a perspectiva.
2. Virar o nº 1 de cabeça para baixo, enfatizando as linhas principais de acordo com o sentido.
3. Recolocar a página na posição inicial, e harmonizar 1 (natureza) e 2 (imagem). (KLEE, 1990, p. 259)

Os diários, de maneiras distintas, trazem a essência de cada artista, sua personalidade. Podemos perceber que não existe uma receita para essa prática poética, o que persiste é a subjetividade de quem o elabora, a maneira de pensar e organizar o registro.

### **Entre o arquivo e a memória – anotações frequentes de processos em Arte e Educação**

O diário pode ser compreendido não apenas como um caderno ou livro desenvolvido com histórias e processos pessoais do autor, pois este conceito ainda pode ser desdobrado. Cartas contando vivências, relatando procedimentos de trabalhos e anotações frequentes relacionadas aos desenvolvimentos artísticos, podem fazer parte de uma expansão de um conceito abrangente de diário.

Pensa-se, dessa forma, o diário como um documento que permeia um caráter de arquivo, algo pessoal que reverbera em pesquisas posteriores. Compreende-se aqui arquivo não somente como uma unidade de formação que salvaguarda e recolhe documentos, mas como um documento de caráter inerente à pesquisa.

O diário do artista e do artista/professor também pode ser visto como um arquivo pessoal para aquele que o cria. Ele não é apenas um processo de escrita e desenvolvimentos artísticos contínuos, é objeto de pesquisa e reflexão. Ao elaborarmos um diário, podemos entendê-lo como um 'autoavaliar-se', pois este procedimento imbuí a perspectiva crítica de autoquestionamento. Voltar e reler, rever, refazer, repensar, intervir, mudar de lugar e posição o que se escreveu/poetizou, de maneira a produzir significações pessoais a quem escreve, assim como para quem lê. Dessa forma, desenvolvemos o processo crítico relacionado à educação e à Arte, procurando responder às inquietações inerentes na pesquisa.

Os diários, em suas múltiplas possibilidades, abrangem também o campo da memória, como algo que é constituinte do autor e é reconstruído através dos processos de Arte (compreendendo o ato de escrita igualmente como um processo artístico). E da mesma forma, pode ser visto como memória passível de reconstituição e novos entendimentos por meio do olhar daquele que vê, interpreta e reconstrói, não sendo este apenas um espectador, pois as significações são construídas a partir da vivência de cada qual, podendo, dessa forma, diferentes pessoas construir distintas leituras de um mesmo diário, possibilitando uma continuidade às narrativas poéticas. Segundo Pereira,

apesar de vivermos em um mundo coletivo, o sujeito conhece a si mesmo, a partir das suas experiências, da auto-referência, e da experiência deste corpo no espaço. Uma obra construída a partir de lembranças (seja ela escrita ou visual) é carregada de signos pessoais e sensações que nem sempre atinge a quem a olha. A realidade e a ficção se mesclam, e entre elas existe um mundo de experiências que pode ser visível ou invisível. (PEREIRA, 2010, p. 3)

Sendo assim, compreende-se que o diário é esse espaço de criação que envolve diversos âmbitos passíveis de interpretações, de acordo com as singularidades de cada qual, aquele que vê e aquele que escreve.



Vincent Van Gogh, Paul Cézanne, Henri Matisse e Edward Hopper, entre outros artistas, nos deixaram cartas com escritos sobre seus trabalhos e suas vidas pessoais. Esses materiais hoje possibilitam pesquisas no âmbito das Artes Visuais.

Através da Crítica Genética podemos realizar pesquisas sobre os processos criativos artísticos a fim de reconhecer os procedimentos inventivos, os percursos até a obra. Os documentos em seus diferentes formatos (diários, estudos plásticos, anotações, cartas) são analisados, pois “Os vestígios deixados por artistas oferecem meios para captar fragmentos do funcionamento do pensamento criativo; oferecem uma sequência de gestos advindos da mão criadora” (SALLES, 2008, p. 67). Sendo assim, pode-se realizar apontamentos críticos e interpretativos sobre os registros pesquisados questionando-se sobre o material e processos de desenvolvimento artísticos percorridos até a feitura da obra.

Vincent Van Gogh, e uma carta endereçada a seu amigo Bernard, datada de abril de 1888, escreve sobre seu processo criativo, como compreendia a cor e a paisagem:

estou absorvido pelas árvores frutíferas em plena floração, pessegueiros cor-de-rosa, pereiras de um branco-amarelado. Não tenho qualquer sistema para dar pinceladas em meus quadros. Ataco a tela com toques irregulares do pincel e deixo como está, não modifico nada. [...] Trabalhar ao ar-livre todo o tempo, tento capturar o que é essencial no desenho – mais tarde, eu dou um acabamento melhor. A partir do meu sentimento na ocasião, eu anoto a tonalidade que pretendo expressar: o chão deve compartilhar do mesmo tom violáceo, o céu inteiro deve ter uma coloração azulada, a vegetação verde deve ser ou verde-azulada ou verde-amarelada, exagerando deliberadamente neste caso tanto os azuis como os amarelos. (GOGH, 2008, p. 228)

Percebemos que o artista deixa claro, por exemplo, como sua palheta de cor e o seu modo de ver influenciavam na sua concepção de pintura da paisagem. Amarelo, azul e verde são cores predominantes em muitas paisagens do artista. Certamente, são cores que estão na natureza, e outros artistas também as usam, mas não como Van Gogh, em sua especificidade e predominância. Durante a leitura desse trecho podemos facilmente imaginar algumas telas do artista, pelo modo como ele descreve.

Van Gogh relata ao amigo sobre o seu fazer, como o compreende, deixando evidente que os sentimentos influenciavam em suas pinturas. O artista nos deixa transparecer que “A obra de arte é resultado de um trabalho, caracterizado por transformação progressiva, que exige, do artista, investimentos de tempo, dedicação e disciplina. A obra é, portanto, precedida por um complexo processo (...)” (SALLES, 2008, p. 25). Com a leitura das cartas, podemos compreender melhor o trabalho de Van Gogh, bem como podemos aprender técnicas que permeiam a pintura. Vicent e Bernard teciam conversas constantemente sobre pintura, técnicas, pintores, movimentos, e até mesmo esteriótipos da Arte, fazendo críticas a alguns artistas e temas.

### **Revista CASULO – processos artísticos e metodológicos**

A disciplina *Sobre ser professor artista*, ministrada pela professora Dr.<sup>a</sup> Jocielle Lampert durante o segundo semestre de 2014 no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) teve como proposta a discussão das relações entre Arte e Ensino. Abordamos questões correspondentes ao artista na universidade, na escola e no ateliê (pensando este não somente como um espaço físico). Teorizamos sobre o processo artístico e docente, realizamos práticas em cianotipia e monotipia, e tecemos discussões constantes sobre diários.

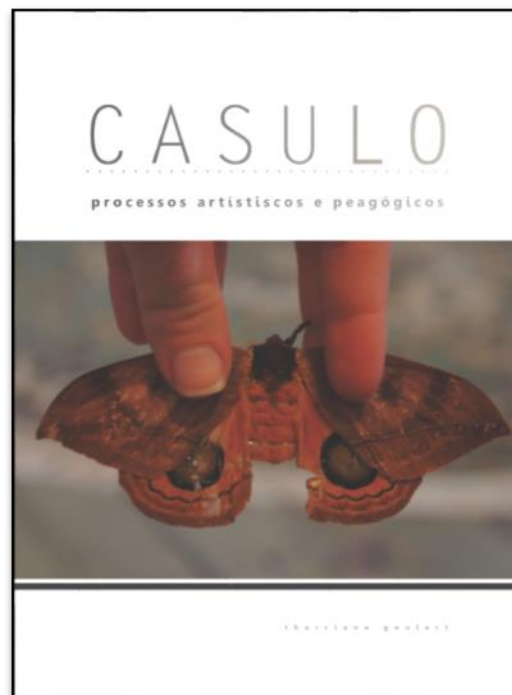
A proposta final da disciplina foi a construção de uma revista permeando os estudos abordados. Decidi fazer uma revista pensando o diário em que dispus meus processos artísticos e pedagógicos. Entre fabulações e relatos, a metodologia permeava a reflexão e autoavaliação. A revista partiu do meu diário pessoal, onde encontram-se desenhos, ideias, pesquisas e estudos. A revista/diário foi um espaço de criação, já que durante a feitura pensava em uma maneira de agrupar os trabalhos artísticos, arquivos, referências e trajetos como artista/professora, de forma que fosse possível comunicá-los.

*Casulo - processos artísticos e pedagógicos* foi o título escolhido. Esta nomenclatura surgiu de uma associação da poética do trabalho artístico e da compreensão de diário, entendendo estes como constituintes de transformações e análises, fazendo uma referência ao processo de metamorfose, ao ato de mudança. Pois escrever,

poetizar e praticar Arte são atos que possibilitam questionamentos. Sendo assim, tornam-se processos passíveis de mudanças e metamorfoses a quem os vivência. São atos que viabilizam transformações constantes do ser, do estar e do pensar em/sobre Arte.

Conto nessa revista/diário como me tornei uma pessoa que observa, registra e reflete sobre Arte, pois a disciplina me fez reviver esses momentos e buscá-los em minha memória, fundamentando meus pensamentos e questionamentos.

Dentro do processo artístico encontra-se o ato de coleta, de perceber objetos, imagens, animais que me inquietam, juntando-os em forma de arquivo. Por meio desse agrupamento é possível desdobrar o processo de criação. Cada objeto, imagem ou animal recolhido é permeado de memória.



Capa da revista CASULO

Fonte: arquivo pessoal de Tharciana Goulart da Silva



Revista CASULO, páginas 20 e 21  
 Fonte: arquivo pessoal de Tharciana Goulart da Silva



Revista CASULO, páginas 8 e 9  
 Fonte: arquivo pessoal de Tharciana Goulart da Silva

A partir da execução desta revista procurei perceber os processos artísticos e docentes presentes nos diários de artistas e artistas/professores tendo como meio de registro a pesquisa aqui apresentada. Os questionamentos metodológicos permearam as seguintes perguntas: O que se pode aprender com um diário de artista e/ou

um artista/professor sobre o processo criativo? Que procedimentos perpassam a realização do diário na prática docente e artística compreendendo este como objeto de pesquisa?

Desse modo, adentrei no campo do ensino-aprendizagem, refletindo sobre diários em diferentes âmbitos. Além da pesquisa teórica que tece relações diretas com artistas que desenvolveram a prática do diário e autores que dialogam sobre o assunto desenvolvi pesquisas práticas no Ensino Básico.

Refletindo sobre o diário como fonte para a pesquisa em Arte e como possibilidade poética e visual, realizei o projeto *Diário de artista – poéticas e personalidades* junto a uma turma de quinto ano. Este teve como foco a vida e obra de Frida Kahlo com ênfase em seu diário. Na elaboração do planejamento, o diário foi pensado como um amparo que desenvolve os estudos artísticos de maneira interdisciplinar, possibilitando permear memórias por meio de imagens e textos.

Almejei compreender a prática do diário em suas diferentes possibilidades, construindo novas significações a partir dos 'espaços' de Arte onde a escrita poética, os estudos artísticos e a prática docente conversam entre si de maneira enriquecedora. Assim sendo, procurei refletir sobre a gênese da obra de Arte por meio de estudos teórico-crítico que percebem os rastros deixados no processo de criação como uma questão pertinente para compreensão do resultado final, seja este uma obra, poetização ou projeto de ensino.

### **Diário – objeto de pesquisa**

O diário é um lugar de análise e percepção, onde podemos desenvolver nossos pensamentos e pesquisas. Ele pode estar entre o poético e o pessoal, deambular entre sonhos e desejos, e, sobretudo, nos possibilitar uma reflexão entre o prático, o teórico, o artístico e o pedagógico. Zabalza, em relação ao ato de refletir/avaliar-se por meio do diário, nos diz que

a reflexão sobre a própria prática, a introdução de proposições reflexivas na ação de ensinar faz com que saíamos de um terreno de certezas dadas para outros e de rotinas procedimentais, etc. para um terreno de tomada de decisões, de debate,

de insegurança e de criação... (ZABALZA *apud* ZABALZA, 2004, p. 23)

A pesquisa e o desenvolvimento como artista/professor tem como suporte este ‘terreno de tomada de decisão’, que é onde nos questionamos, procuramos soluções e novas práticas artístico-pedagógicas. Pois os diários possibilitam “revisar elementos de seu mundo pessoal que frequentemente permanecem ocultos à sua própria percepção enquanto está envolvido nas ações cotidianas de trabalho” (ZABALZA, 2004, p. 17). O diário reforça a relevância das práticas cotidianas e nossa formação como sujeito. Temos a possibilidade de registro da experiência, criação/reconstrução da memória e do arquivo.

Esse recurso do diário pode fazer parte de um processo formativo da identidade do artista/professor dentro de um tempo, espaço e contexto no qual está inserido, buscando-se assim idéias, desacomodações e concretizações de projetos que envolvem Arte e Ensino. Desse modo, criamos dinâmicas pedagógicas e discursivas sobre o fazer e o pensar nas Artes Visuais. Isso torna-se relevante, pois

a prática docente requer reflexão constante sobre os conteúdos, procedimentos, recursos, posturas do professor, requer também a superação de um viver a maior parte do tempo de modo inconsciente. As experiências reflexivas vividas, conforme as teorias deweyanas, levam a uma compreensão que possibilitam uma distinção do eu, que nos afastam de uma situação de mecanicidade, de respostas prontas, de certezas absolutas. (PESSI, 2002, p. 20)

Portanto, o diário é permeado por pesquisas em Arte, investigações, conhecimentos sobre a pesquisa educacional, a Arte-Educação e o ensino-aprendizagem de Arte nos âmbitos universitário e escolar. Este abarca um potencial de pesquisa qualitativa de processos e poéticas do ser e fazer-se artista e artista/professor.

## Notas

<sup>1</sup> O texto é parte das reflexões realizadas durante a disciplina *Sobre ser Professor Artista*, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (2014), ministrada pela professora Dr.<sup>a</sup> Jocielle Lampert (UDESC).

## Referências

- ALMEIDA, Célia Maria de Castro. *Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício*. São Paulo: UNESO, 2009.
- BASBAUM, Ricardo. Amo os artistas-etc. In: *Políticas institucionais, práticas curatoriais*. Rodrigo Moura (Org.), Belo Horizonte, Museu de Arte da Pampulha, 2005.
- BERNADAC, Marie-Laure. “Introdução”. In: BOURGEOIS, Louise. *Desconstrução do pai, reconstrução do pai*. [Tradução de Álvaro Machado; Luiz Roberto Mendes Gonçalves]. São Paulo: Cosac Naify, 2000.
- BORGER, Johanna. Biografia de Vincent Van Gogh por sua cunhada Jo *Bonger*. Tradução de Willain Lagos, Porto Alegre: L&M, 2008.
- BOURGEOIS, Louise. *Desconstrução do pai, reconstrução do pai*. [Tradução de Álvaro Machado; Luiz Roberto Mendes Gonçalves]. São Paulo: Cosac Naify, 2000.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- KLEE, Paul. *Diários*. – 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LAMPERT, Jocielle. *Pesquisa de prática artística em Arte e Arte Educação*. Conferência realizada em outubro, no GT de Arte Educação da Anped Sul, Florianópolis, 2014. (Publicação de livro no prelo).
- PEREIRA, Juliana Cristina. Apontamentos para lembranças. In: *V Ciclo de Investigações: Transposições PPGAV – UDESC*. Florianópolis: 2010.
- PESSI, Maria Cristina Alvez dos Santos. Experiência Estética: Constituindo Professores de Arte. In: Revista *NUPEART*, Florianópolis, vol.1, pp.19-30, 2002.
- SALLES, Cecilia Almeida. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. 3. Ed. São Paulo: EDUC, 2008.
- TASQUETTO, Angélica D’Avila. Algumas notas sobre o diário de aula e a narrativa docente: perspectivas para a formação em artes visuais. In: *Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP*. Pará: pp. 997-1008, 2013.
- ZABALZA, Miguel A. *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

**Tharciana Goulart da Silva**

Mestranda em Artes Visuais na linha de pesquisa Ensino das Artes Visuais PPGAV-UDESC sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jocielle Lampert . Graduada no curso de Licenciatura em Artes Visuais (UDESC). Integrante do grupo de pesquisa *Entre Paisagens* (UDESC/CNPq). Integrante do grupo de estudos *Estúdio de Pintura Apotheke*. [tharcianagoulart@gmail.com](mailto:tharcianagoulart@gmail.com) CV: <http://lattes.cnpq.br/6262703963941419>

**Jocielle Lampert**

Doutora em Artes Visuais ECA/USP. Atua na Graduação e Pós-Graduação em Artes Visuais na UDESC. Coordenadora do PIBID/CAPES/UDESC de Artes Visuais (2014) e do Grupo de Estudos *Estúdio de Pintura Apotheke*. Grupo de estudos Apotheke no Facebook: [https://www.facebook.com/pages/Est%C3%BAdio-de-pintura Apotheke/690107797707990?fref=ts](https://www.facebook.com/pages/Est%C3%BAdio-de-pintura-Apotheke/690107797707990?fref=ts). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7149902931231225>